

I V O N E G A L D I N O



PENALUX, 2020

Contagem

Preciso te contar tempo,
como é bom tê-lo como aliado.
Vê-lo passar sem correr,
sem colher fruto verde no pé,
estancar a palavra na garganta.
Despertar sem ter dormido.
Não que sejas ainda amigo.
Encaneces o cabelo dos filhos,
põe rugas nas fronteiras inimigas,
esconde os segredos nas memórias,
destrói articulações.
Preciso te contar.
Já não conto mais teus segundos,
não corro mais atrás de ti.
Desacelero nas curvas,
não faço regressivas.
Estou dando um tempo a ti, Tempo,
de se organizar a mim.
Afinal, a vida toda foi o contrário.
Sempre o tive
contado, estreito, curto, tomado,
cronometrado e até roubado.

Não posso ser tua dona absoluta,
pois não és minha criação.
Porém, não sou mais tua escrava
alforriada dos digitais e analógicos,
do tic-tac e dedos em riste,
das sinetas e campainhas de colégios,
dos apitos soturnos das fábricas,
das badaladas de sinos,
cantares de cucos e Ave-Marias.
Chegadas e partidas
de trens e metrô,
ônibus e bondes antigos.
Embarques corridos
nos *gates* de aeroportos.
Não te perdi, Tempo,
nem morri,
nem me perdestes de vista, eu sei.
Só não quero te contar.

Teimosia

Por teimosia nasci
e por ela tenho vivido.
Por caminhos traçados
irrompo.
Se fôlego falta,
volto a respirar.
Se a perna cansa,
volto a andar.
E quando a desesperança
insiste em bater,
respondo teimosamente:
depois falo com você.
Nesse caminho árido
da vida,
meu oásis tem sido
a teimosia.
Meu horizonte difuso.
Minha terra alvissareira.
Meu ponto de partida.
Minha raiz, meu destino.
Onde se encontram
a verdade e a falácia.

Num resumo definido
em fazer surgir
do quase nada
a possibilidade do dia seguinte.
E, pela insistência,
venho construindo
o que um dia suponho
poderá se chamar milagre.

Resgate

Me resgate, raio de luz,
das más notícias,
das melancólicas manhãs,
de um mundo
de melanias, melasmas,
miasmas e melenas...

De mirabolantes planos
para sucatear humanos,
trapacear a vida,
encarcerar verdades.

Regeneres os seres
que das amebas um dia brotastes,
e fazes dessa terra
um caldeirão
de cultura.

Quem sabe
de uma paz fervente e inusitada.

Terra-mãe

Terra cabocla, terra pilada, exaurida terra,
que implora por todas as bocas, para não ser vã,
perseguida, derrubada, vilipendiada.

A cabocla que se mira e chora,
sua lágrima forma os rios, os córregos e os mares.

Que tenta retornar ao ciclo e grita o direito ao cio,
desmerecida, por estranhos à sua alcova.

A mulher violentada, possuída sem consentimento,
germinada sem o prazer de ter.

Que frutos pode dar?

Filhos brutalizados, de nomes impronunciáveis,
criados sem o leite que lhes confira a humanidade.

Terra, mãe violentada dos seres da terra,
desafia seus agressores,

quando num último ato de resistência,

faz brotar de seu ventre

a flor.

Urge

Não podes, vida,
perder sequer um segundo,
tamanha a urgência da escrita.

Deixar o recado,
reescrever a missão,
pedir ao tempo que pare.
E à palavra que exista.

O rio

Desce o rio
amargo
no outrora doce vale.
Vem chorando lágrimas barrentas,
pesadas de minério de ferro.
Em suas águas, tucunaré não nada mais.
Desce gritando socorro pelas vidas
que ainda vivem.
Peixe oscar não nada mais.
Água boa de beber desce sangrando.
Desce boi, criança, roça,
vidas roçadas.
Traíra não nada mais.
Vai descendo o rio a desaguar sua tristeza,
deixando órfãos cardumes de carás,
cascudos, curimbatás.
O peixe-agulha não alinhava mais.
Em seu bojo, o ribeirinho não nada mais,
o pescador, embora queira,
não pesca mais.
Ao homem e ao rio,



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Minion
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em julho de 2020.
